



A cobertura da tragédia na tela da TV

Jornal da Universidade / 15 de maio de 2024

Artigo | Professora do departamento de Comunicação, Débora Gadret aponta que acontecimentos extremos exigem do telejornalismo um olhar ampliado

*Foto: Everton Cardoso

Terça-feira, 14 de maio de 2024. É uma noite fria no Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS. William Bonner tenta alongar as pernas, entre uma entrada e outra para o Jornal Nacional. “Seis minutos”, diz o âncora do telejornal mais longevo do país. É o tempo disponível para sentar em uma cadeira, enquanto pressiona as duas têmporas, em sinal de cansaço. Essa é, sem dúvida, uma cobertura que irá marcar a história do telejornalismo brasileiro.

Já faz mais de uma semana que o editor-chefe do Jornal Nacional chegou a Porto Alegre para cobrir as enchentes que devastaram boa parte do Rio Grande do Sul. Ele não é o único, é verdade. Muitos outros profissionais do Jornalismo chegaram ao Estado, dos mais variados veículos do país, para tentar dar sentido a esta catástrofe climática para todo o Brasil. Em meio a tanta desinformação, é o mínimo que podemos esperar do campo que tem como finalidade não apenas **informar de maneira qualificada, mas também registrar história e construir memória**.

A presença do âncora deste que é o telejornal de referência da televisão brasileira tem um significado potente. Para além de grandes eventos programados (como eleições presidenciais e Copas do Mundo), é necessário um acontecimento que irrompa de forma extraordinária a aparente superfície lisa da história para que o apresentador do telejornal de maior audiência da televisão brasileira saia da bancada no Rio de Janeiro para testemunhar evento in loco e por tanto tempo.

No Rio Grande do Sul, pouco mais de uma década atrás, em 2013, Bonner apresentou uma edição do Jornal Nacional em Santa Maria, um dia após o incêndio da Boate Kiss. Antes disso, em 2008, havia ancorado duas edições do telejornal direto de Santa Catarina, por ocasião das enchentes no estado vizinho. Desta vez, serão nove edições realizadas em diferentes pontos da capital, mostrando os impactos das enchentes e as ações sociais e institucionais diversas que buscam minimizar seus efeitos.

Apesar da visibilidade que adquiriu no principal telejornal brasileiro, as críticas ao jornalismo na cobertura deste evento são diversas e não são de todo infundadas. Afinal, foi preciso que as águas tomassem o Centro Histórico da capital e suspendessem as operações do principal aeroporto do estado por tempo indeterminado para que o jornalismo do centro do país voltasse seus olhos ao evento climático que já havia destruído cidades inteiras, algumas atingidas pela segunda ou terceira vez em menos de um ano.

A dificuldade de acesso ao Rio Grande de Sul rende narrativas heróicas e imagens espetaculares da jornada dos jornalistas em acessar os locais da tragédia. A chegada de William Bonner no avião da Força Aérea Brasileira reitera a construção da imagem mítica do jornalista que já existe em torno do âncora do Jornal Nacional, **reforçando os laços entre apresentador e telespectadores e fidelizando o público do telejornal**.

É preciso refletir sobre o enquadramento deste acontecimento, ou seja, os ângulos sob os quais o telejornalismo está registrando o evento e ajudando a construir os sentidos sobre as enchentes. O foco em dramas individuais e em imagens espetaculares – como a do cavalo Caramelo que se equilibrou por dias em uma pequena faixa de telhado em Canoas – é julgado por quem deseja que as causas e os responsáveis pela dimensão dessa tragédia sejam apontadas. Porém, vale lembrar que essas imagens e relatos constroem simbolismos importantes e convidam o telespectador a sentir.

A televisão, enquanto tecnologia da intimidade, tem o potencial de mobilizar ações imediatas de auxílio à população riograndense ao ajudar a promover um vínculo entre quem vive e quem assiste os acontecimentos.

A produção de conhecimento do telejornalismo deve e pode ir além, ao construir discursivamente a valorização do importante trabalho realizado localmente. Assim como o Jornalismo de referência ajudou a visibilizar o empenho científico durante a pandemia, também o faz nesta ocasião. A transmissão direta do Jornal Nacional no IPH dá contornos sólidos à relevância da pesquisa e das ações da Universidade pública em eventos climáticos extremos. Nos bastidores, ela também emociona quem foi testemunhar a transmissão. Era nítido o sentimento de dever cumprido da equipe de docentes, técnicos e bolsistas que está trabalhando diariamente no monitoramento e na divulgação do comportamento das águas do Guaíba.

Da perspectiva do jornalismo, após William Bonner retornar ao estúdio do Jornal Nacional e as águas baixarem, arrefecendo as narrativas individuais sobre os desalojados do clima, é que começa o maior desafio do jornalismo televisivo, tão afeito a imagens de impacto e narrativas emocionantes. O telejornalismo do centro do país não pode esquecer que **este acontecimento não acabou** e que seu enquadramento precisa endereçar as problemáticas relacionadas às mudanças climáticas e suas relações complexas com o capital, os interesses políticos e o planejamento urbano. Somente desta forma é que o telejornalismo poderá construir a real dimensão deste acontecimento.

Débora Gadret é professora de Telejornalismo no departamento de Comunicação da Fabico/UFRGS.

:: Posts relacionados



Desafios da comunicação de risco em desastres



Carta aos leitores | 05.06.24



Receita catastrófica: desmonte do Estado com mudanças climáticas



Para repensar a infraestrutura urbana

INSTAGRAM

Jornal da Universidade ufrgs
@jornal da universidade ufrgs

Follow

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

View on Instagram

